

Entre olhares: psicologia, artes e promoção de novos modos de subjetivação

Shirley Macêdo Vieira de Melo¹

Melina de Carvalho Pereira²

Ana Soares Teixeira Leite³

¹ Doutora em Psicologia Clínica, Docente do Colegiado de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
E-mail: mvm.shirley@gmail.com.

² Mestre em Psicologia pela UFPE, Psicóloga do CEPPSI/UNIVASF.
E-mail: melinamcp@gmail.com.

³ Bolsista PIBEX, graduanda em Psicologia pela UNIVASF.
E-mail: anastleite@yahoo.com.

RESUMO

O presente artigo contextualiza um projeto de extensão implantado no Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), serviço escola da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). O objetivo principal foi favorecer mudanças em modos de subjetivação e promover saúde para usuários, além de desenvolver competências em estudantes de Psicologia. Participaram professores e estudantes dos cursos de Psicologia e Artes Visuais da UNIVASF, além de colaboradores externos, servidores e terceirizados do CEPPSI. Já foram contemplados efetivamente 159 usuários, em oficinas individuais e grupais, com atividades como pintura em tela, argila, escultura com sucata, fotografia, produção de maquetes e vídeos, e teatro de fantoches. Tendo obtido feedbacks positivos dos usuários e diminuição da lista de espera do serviço-escola, as intervenções favoreceram: aos usuários, novos modos de sentir, pensar e agir, não sendo necessários encaminhamentos em alguns casos; e aos estudantes, o desenvolvimento de atitude e escuta clínicas.

Palavras-chave: Psicologia; Artes; Formação de Psicólogo; Promoção de Saúde; Serviço Escola.

Psychology, arts and promotion of new modes of subjectivation

ABSTRACT

This article contextualizes an extension project implemented at the Center for Studies and Practices in Psychology (CEPPSI), a school-service from Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). The main objective was to favor changes in modes of subjectivation, and to promote health for users, in addition to developing skills in Psychology students. UNIVASF Professors and students of Psychology and Visual Arts, as well as external collaborators, servers and contractors of CEPPSI, participated in the program. 159 users have been effectively contemplated, participated in individual and group workshops, with activities such as canvas painting, clay, scrap sculpture, photography, model and video production, and puppet theater. Having received positive feedback from users, and a decrease in the waiting list of the school-service, the interventions granted the users new ways of feeling, thinking and acting. And granted the students the development of clinical attitude and listening.

Keywords: Psychology; Art; Subjectivities Processes; Health Promotion; School Service.

INTRODUÇÃO

A Psicologia Clínica vem se desenvolvendo ao longo dos anos não mais como uma área de aplicação, mas, já delineava Figueiredo (1995), como um dado *ethos*, a partir da concepção de que o que define a clínica em Psicologia é a sua ética, pois que “está comprometida com a escuta do interdito e a sustentação das tensões e dos conflitos” (p.40).

Autores mais contemporâneos destacam que a Psicologia Clínica não é uma área de atuação do psicólogo, mas uma práxis da Psicologia nas questões de cuidado com um outro que se encontra em situação de sofrimento (MACÊDO, 2015), ou, como o outro, num contexto sócio-histórico-cultural, “constrói suas relações de sentido” (DUTRA, 2008: p.15). Nesta ótica, os fazeres da clínica em Psicologia vêm se ampliando, podendo o psicólogo oferecer à comunidade que demanda ajuda diversas práticas para além da psicoterapia, desde que os serviços de promoção de saúde vêm avançando em metodologias que buscam cuidar do humano para além de um consultório privado.

Estes avanços, necessariamente, foram resultado de práticas que, ultrapassando a tradicional clínica focada em diagnóstico e cura, enveredaram pela promoção da saúde mental em diversos contextos. Resultam, também, de políticas públicas cujos modelos de atuação não mais defendem as instituições asilares, mas espaços em que o foco seja o protagonismo social de indivíduos antes excluídos por não se enquadrarem nos padrões de normalidade vigentes.

As mudanças ocorridas no cenário nacional de políticas públicas para a saúde mental e as novas diretrizes de formação do aluno de Psicologia têm convocado os serviços-escola universitários a repensar seus lugares e sua ética frente aos progressivos deslocamentos dessas práticas para o campo da saúde. (LIMA *et al* 2013: p. 781)

Outra mudança que vem ocorrendo nas práticas clínicas em Psicologia é no que concerne aos integrantes da relação: não mais se restringe a ajuda a atendimentos psicoterapêuticos individuais, mas atividades coletivas passam a ser necessárias, desde que os serviços de saúde passam a exigir intervenções grupais, a partir de metodologias diferenciadas, visando à prevenção e a promoção da saúde do sujeito integral (PEREIRA, 2013), inserido que está nas comunidades, cidadão por direito e construtor da história da sociedade da qual faz parte.

Nestes contextos, atividades que aproximam a Psicologia das Artes, com caráter predominantemente inter e multidisciplinar, têm sido realizadas e obtido excelentes resultados em diversas instituições de formação de psicólogos, sejam públicas ou privadas. Dentre esses estudos, Lima *et al.* (2013) colaboram para uma “uma reflexão sobre os limites dos dispositivos clínicos tradicionais e o papel importante que a arte pode conferir na construção de uma clínica ampliada” (p.781), desde que neste espaço de linguagem o sujeito se manifeste.

Autores brasileiros, a exemplo de Ciornai (2004), Costa e Figueiredo (2004), Birman (2008), além de Cardoso e Munhoz (2013), buscam esta aproximação consideram que a arte é um dos aspectos da cultura e constitui um elemento fundamental da vida psicológica. Ela é o instrumento através do qual o homem entra em contato com a transcen-

dência. A linguagem simbólica é capaz de transmitir sentimentos, emoções que o discurso lógico/dialético não é capaz de exprimir.

Além disso, a arte possui outra característica essencial para a busca do sentido da vida. Segundo Bilbao e Cury (2006), ela é um meio de autoconhecimento; não cura ou conserta, mas restabelece a conexão do indivíduo com o aspecto mais profundo de si: a alma. Para os autores, a partir da imaginação e da criatividade, a arte proporciona várias experiências que podem auxiliar o desenvolvimento do autoconhecimento. Como diz Ciornai, (2004, p. 77), “a arte também pode ser útil por funcionar como ‘objeto intermediário’ entre cliente e terapeuta, ou entre uma pessoa e outras, ajudando a estabelecer relações e facilitando a comunicação”. Silva (2004) argumenta que músicas, livros, pinturas e outras formas de Arte são constituídas de linguagem e, ao adquirir forma, uma obra de arte exige a participação da consciência do fruidor e o instiga a encontrar novos sentidos em sua fruição. Temos, portanto, uma relação direta entre produção na arte, criatividade e subjetividade humana.

Birman (2008) já propunha se pensar a questão da relação entre criatividade e subjetividade. Segundo ele, haveria um caráter criativo no funcionamento do psiquismo, o que favorece se pensar na produção artística como expressão de modos de subjetivação. Neste sentido, a subjetividade é compreendida como um processo através do qual o sujeito organiza a consciência de si mesmo, ou, em outras palavras, apropria-se de sua singularidade. No entanto, a subjetividade é produzida na coletividade que molda nossos modos de sentir, pensar e agir. Muitas vezes, esse processo suprime a capacidade criativa do ser humano e espaços de emancipação tornam-se necessários, objetivando saúde e bem-estar para que o sujeito produza-se a si mesmo e seja protagonista de sua história e da sociedade.

Historicamente, foi no hospital psiquiátrico Juquery, em São Paulo, nos anos 1920, que o psiquiatra Osório César pioneiramente inseriu a Arte como subsídio ao tratamento e reinserção profissional e social de pacientes (LIMA, 2004). Músico e crítico em Artes, César atentou para os traçados que os pacientes produziam em paredes e pedaços de papel soltos, enxergando nisto trabalhos artísticos de profundo conteúdo expressivo da subjetividade dos mesmos. Não considerou aquilo expressão psicopatológica de loucura e, rompendo o paradigma asilar vigente, passou a denominar os pacientes de artistas, e enveredou seus estudos na fronteira entre a Psiquiatria, a Psicanálise e a Arte. Passou a visar, para além de práticas terapêuticas, a possibilidade de reabilitação e a construção de alternativas para a profissionalização daqueles sujeitos de acordo com a capacidade de cada um.

Nos anos 1940, é Nilze da Silveira quem passa a defender ateliês de pintura e modelagem, nas quais a expressão livre permitia o acesso ao mundo interno dos pacientes, sendo um dispositivo efetivo para uma modalidade de psicoterapia. Nos últimos 20 anos, o campo das disciplinas em saúde tem presenciado diversas práticas

Nas quais atividades expressivas, criativas e produtivas, associadas a abordagens psicodinâmicas, estéticas e sociais, são chamadas a participar de um processo de transformação das instituições psiquiátricas e de questionamento e redefinição do lugar da loucura (LIMA, 2004 p.70).

Para além da psiquiatria e instituições de saúde mental, contemporaneamente, surge a Arteterapia como prática clínica que promove cuidado. Profissionais da área compreendem que, pela produção artística sistemática, o sujeito revela sua percepção de mundo, além de traços de personalidade e problemas emocionais que podem influir nas atividades, inclusive em dificuldades relacionadas a processos de ensino/aprendizagem (ORNAZZANO, 2004).

A Arteterapia é um procedimento não verbal que, por meio das Artes Plásticas, acolhe o ser humano em sua complexidade e dinamicidade e aceita os aspectos afetivos, culturais, motores e sociais, tão importantes na promoção da saúde mental. É interessante notar que alguns dos estudos em Arteterapia são realizados em serviços-escola de psicologia visando dirimir dificuldades encontradas com fila de espera. Cardoso e Munhoz (2013), por exemplo, ao realizarem atividades de pesquisa, ensino e extensão nesta ordem, constataram que grupos com pais e/ou familiares de crianças que aguardavam ser chamadas, favoreciam bem-estar, segurança e credibilidade em relação ao processo de atendimento a ser dispensado futuramente aos filhos. Inclusive destacaram a importância destes grupos, denominados de grupos de espera, terem curta duração e o fato de que os mesmos viabilizaram a diminuição da desistência dos atendimentos nos serviços-escola de psicologia, assim como ampliaram nos pais a corresponsabilidade do acompanhamento do tratamento dos filhos.

Para além das práticas em Arteterapia, que não é o foco do presente projeto de extensão, outras práticas clínicas têm sido empreendidas em serviços-escola de Psicologia com o uso das artes, viabilizando saúde mental e desenvolvimento de competências aos envolvidos. Na obra de Costa e Figueiredo (2004), por exemplo, é possível constatar várias oficinas de artes que são oferecidas para a promoção da saúde mental de usuários. Num dos capítulos, Lima (2004) defende a construção de espaços clínicos e de inclusão social num território no qual saúde e arte dialogam e se interferem mutuamente, assim como “uma clínica comprometida com os processos de criação e com a produção de subjetividades autopoieticas, que possam enriquecer e enriquecer-se permanentemente em seu contato com o mundo” (p.65). Seu objetivo é garantir aos participantes o desenvolvimento do potencial criativo, artístico e intelectual, além de formas de expressão singulares. Propõe, então, os ateliês de arte, com enfoque em trabalho grupal, onde diversos espaços de linguagem são favorecidos para suscitar efeitos de sentido e produzir intervenções significativas, o que viabiliza aos sujeitos recriarem e se apropriarem de suas histórias, permitindo que os praticantes atravessem a fronteira entre a arte e a saúde.

Na PUC-SP, Santos (2012) ofereceu oficinas de artes com crianças e adolescentes como forma de resgatar as potências de criação suprimidas no processo de socialização, e, a partir de um trabalho em torno da criatividade, sensibilidade, concentração, percepção, autoestima e protagonismo infanto-juvenil, favoreceu aos integrantes novos modos de subjetivação e de cuidado de si. Acredita o autor que, no contexto social promovedor de padrões comportamentais adultocêntricos, ocorre um constante achatamento das possibilidades criativas infanto-juvenis, podendo os espaços de produção artística viabilizar, por meio de uso de colagens, pintura, papel machê, desenho, objetos em miçanga e reciclagens, assim como visita em parques, galerias de arte e cinema, territórios existenciais para novos modos de subjetivação e cuidado de si. Seus resultados evidenciaram a ampliação do protagonismo social dos participantes, os quais se tornaram mais independentes, criativos e autônomos.

Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), encontramos o trabalho de Silva *et al* (2013), em que a Arte (cinema, pintura, teatro, literatura, música), considerada como elemento mediador para a formação pessoal e profissional de futuros psicólogos, foi utilizada como mote para a apropriação e a construção do próprio conhecimento entre estagiários de Psicologia Escolar. Também na UFU, Pereira (2013) partiu da estética para oferecer supervisão num estágio em Psicologia Escolar com crianças diagnosticadas como agressivas. Nos encontros, foi constituído um espaço de escuta e fala, cujos instrumentos foram desenhos e esculturas. Os estagiários, tendo papel de mediadores nas brincadeiras, onde a linguagem era dinamizada pela imaginação e criatividade das crianças, favoreceram novos signos e a construção de novos sentidos para as vidas desses sujeitos, potencializando e promovendo a saúde, desde que os mesmos, adotando um posicionamento diferente sobre suas dificuldades, melhoraram a relação consigo, com o outro e com o mundo. O autor concluiu, portanto, que oficinas estéticas promovem a re(criação) da própria realidade do sujeito, sendo a experiência estética “uma oportunidade de ampliação, de desvelamento e expansão, uma vez que é abertura à diversidade de sentidos” (p.150).

Já Lima *et al* (2013) publicaram um estudo realizado na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em 2010 com grupos de adolescentes, em que o foco foi a experiência em oficinas de artes plásticas, objetivando a construção de um dispositivo interdisciplinar com mediação terapêutica da arte para despertar efeitos nos sujeitos, favorecendo que os mesmos construíssem para si algum sentido a partir do que criavam. Havendo necessidade de psicoterapia e acompanhamento psicopedagógico, os adolescentes eram encaminhados para esses serviços. Os autores defenderam que atividades artísticas permitem o acesso do sujeito ao sensível, favorecendo que o mesmo tenha a possibilidade de elaborar algo inédito em relação ao próprio sofrimento. Baseados em Vygotski, argumentam que “a Arte pode ser considerada fundamental para a formação pessoal e profissional do sujeito, já que é produto da atividade humana e reflexo da dimensão social em nós” (p.1017), visto que a essência da arte é coletiva. Os autores salientam que a arte é elemento mediador para provocar nos alunos reflexões sobre si mesmos, o mundo, suas relações interpessoais e o contexto social no qual estão inseridos, sendo essencial para o desenvolvimento de uma prática psicológica sensível às necessidades do outro e socialmente comprometida.

No campo da formação de psicólogos, no entanto, foi Silva (2005) quem, de forma inovadora, enveredou na confluência entre Artes e Educação. Visava, dentre outros, que os estudantes investigassem suas próprias ações. Nesta mesma ótica, focada mais no contexto da Psicologia Clínica, Pereira (2013) acredita que uma formação do psicólogo, embasada em práticas de promoção de saúde, favorece a quem demanda ajuda o fortalecimento “da capacidade individual e/ou coletiva dos sujeitos, para lidar com os determinantes sociais em saúde, aumentando a saúde geral e o bem-estar” (p.151). Acrescenta que tais práticas viabilizam aos estudantes de psicologia “estranhar a realidade vivida, questioná-la, distanciar-se do naturalizado e, assim, produzir novos sentidos sobre a realidade e sobre o fazer psicológico” (p.158). No estudo de Lima *et al* (2013) já delineado acima, os autores também destacaram como práticas que aproximam Psicologia e Artes favorecem a formação do estudante de Psicologia, que se desloca de um saber instituído para o protagonismo de sua própria formação, repensando seu lugar na sociedade como profissional de saúde.

Diante deste arcabouço teórico e referências de intervenções práticas, o presente estudo visa contextualizar um projeto de extensão que vem sendo desenvolvido no serviço escola Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), o Centro de

Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), com o objetivo de apresentar os resultados obtidos e atestar as informações trazidas pelos autores acima em um contexto de prática. Nele serão expostos os percursos que o projeto tem tomado até então, tais como os ganhos e as dificuldades que têm envolvido essa prática.

Reconhece-se que tal prática tem agregado mais valor à formação de graduandos em Psicologia, inclusive por permitir que os estudantes envolvidos estejam se capacitando para a futura prática de estágio profissionalizante. Assim, também, esta proposta tem sido a única que envolve atividades multi e interdisciplinares, que tem melhorado sobremaneira os serviços prestados à comunidade no serviço escola em questão. Para além disso, o projeto de extensão desenvolvido visa colaborar com os serviços de porta de entrada do CEPPSI, quais sejam: a triagem e o plantão psicológico. Portanto, o projeto de extensão em questão favorece o exercício do papel social requerido a um curso de graduação em Psicologia numa Universidade pública gratuita e de qualidade, e pretende-se que, com esse estudo, essa prática seja difundida para que mais universidades possam adotá-la em seus serviços escola.

SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO

O projeto tem sido desenvolvido no Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), um espaço de integração teórico-prática inaugurado em 2009, com o intuito de efetivar acompanhamento psicológico individual e/ou em grupo ao mesmo tempo que, por meio de atividades acadêmicas de projetos de pesquisa e extensão, possibilita aos discentes aproximações paulatinas, sistemáticas e supervisionadas nos diversos campos de atuação profissional do psicólogo. Configurando-se como espaço de atenção psicossocial à comunidade, respeitada a multiplicidade da Psicologia como ciência e profissão, sua missão é oferecer ao estudante de Psicologia oportunidades para desenvolver aprendizado e conhecimento científico, atendendo a variadas demandas da sociedade. O mesmo serviço tem enfrentado dificuldades devido à extensa fila de espera e o número reduzido de estagiário para suprir toda a demanda da comunidade externa, que vem à procura de atendimento psicológico, além do reduzido espaço físico de sua estrutura.

O projeto de extensão está em seu segundo ano de vigência e ocorre à luz da visão fenomenológica, tendo o intuito de, aproximando a Psicologia das Artes, promover práticas clínicas de produções artísticas como vias de expressividades que favoreçam mudanças em processos de subjetivação e promoção da saúde para usuários e seus acompanhantes, viabilizando, concomitantemente, o desenvolvimento de competências em estudantes de Psicologia para cuidar da clientela do serviço-escola CEPPSI/UNIVASF.

O mesmo projeto tem funcionado desde março de 2016 e conta com professores dos Colegiados de Psicologia e Artes Visuais, técnicos administrativos do CEPPSI, estudantes voluntários e colaboradores, profissionais colaboradores e uma aluna bolsista financiada pelo PIBEX (Programa Institucional de Bolsas de Extensão). Ele tem como objetivos específicos: favorecer autoconhecimento, desenvolvimento de potencialidades e criatividade nos usuários e acompanhantes; diagnosticar demandas emergenciais da comunidade de usuários, colaborando com a instituição na identificação de prioridades de atendimento; diminuir a lista de espera por psicoterapia do CEPPSI; desobstruir a lista de espera do CEPPSI, favorecendo possibilidades de acolhimento e escuta para os usuários e seus responsáveis enquanto aguardam o serviço para o qual se inscreveram; incentivar a produção artística como veículo de comunicação e expressividade entre os di-

versos participantes do projeto; contribuir para a aprendizagem de técnicas artísticas por esses sujeitos, viabilizando oportunidades a um ingresso e/ou manutenção no mercado de trabalho; e facilitar o desenvolvimento da escuta, da atitude clínica e de ações de cuidado ao estudante de Psicologia.

Como tem funcionado o projeto

A prática em questão funciona através da realização de oficinas de Artes (vejam-se alguns exemplos de produções artísticas na figura abaixo), em grupo ou individualmente, e conta com cinco estudantes facilitadores que acompanham, em dupla, os participantes das oficinas, além da participação de convidados que oferecem oficinas específicas. As produções artísticas, nesse sentido, tem tido a função de mediar os processos de subjetivação dos clientes participantes. Os encontros acontecem uma vez por semana, com duração de duas horas cada para grupos e uma hora para acompanhamentos individuais e, em geral, há o acompanhamento de três grupos e um individual concomitantemente a cada bimestre. No primeiro contato do grupo, é estabelecido um contrato de convivência, em que são discutidas questões como tolerância a faltas e atrasos, sigilo, objetivos e sobre o respeito mútuo entre os participantes.

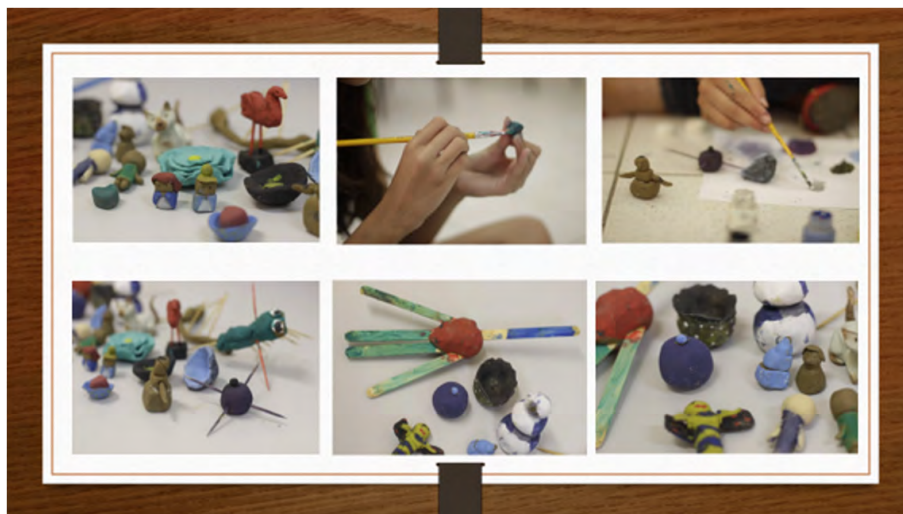


Figura: Registros de produções em grupo de crianças no período março 2016- fevereiro 2017. Fonte: Relatório do Projeto de Extensão 2016-2017.

Os grupos, até o momento, têm sido formados levando em consideração a faixa etária dos participantes. Cada grupo é composto inicialmente por 10 usuários, porém esse número tende a reduzir com o decorrer dos encontros e tem-se observado tal fato principalmente nos grupos de adolescentes.

As etapas do projeto tem sido:

- a) capacitação dos estudantes através da leitura de textos; obtenção de materiais artísticos, que são, em sua maioria, doados, uma vez que o financiamento não cobre tais despesas;
- b) supervisões semanais, em que são estudados os possíveis públicos a serem contemplados - são também ouvidos e discutidos os casos acompanhados e as dúvidas dos facilitadores, são distribuídas as atividades da semana, há a discussão dos encaminhamentos necessários a partir das demandas investigadas;

c) ligações para os clientes do CEPPSI, a partir da leitura inicial das fichas pré-cadastro, que são preenchidas pela comunidade externa que vem à procura do serviço, contendo algumas informações como a queixa do cliente (o motivo pela qual o mesmo procurou atendimento psicológico), a idade e, em casos de pessoas que já são clientes do CEPPSI, lê-se a ficha de triagem deles;

d) na primeira fase do projeto também foram realizadas algumas triagens com os clientes, sendo, posteriormente mudada a estratégia para uma reunião grupal com os interessados, com a finalidade de agilizar o início dos grupos e acompanhamento individual;

e) elaboração de um diário de bordo contendo também as impressões pessoais dos estudantes de Psicologia ao final de cada encontro;

f) entrevistas devolutivas realizadas com os participantes e seus responsáveis (nos casos de usuários menores de idade).

As atividades têm sido realizadas com a utilização de recursos como: argila, teatro com ou sem fantoches, fotografia, animação, filmagem, construção a partir de sucata, realização e construção de jogos, pinturas individuais e coletivas, brincadeiras, desenhos, dinâmicas, contação de histórias, relaxamento, origamis, atividades psicomotoras, massinha de modelar, construção de máscaras, composição de música, yoga, produção de textos, construção de história em quadrinhos, realização de auto retratos e pintura em tela (nos acompanhamentos individuais).

RESULTADOS ALCANÇADOS

Até o momento já foram realizados 14 grupos de diversas faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e houve o acompanhamento de 5 pessoas individualmente. A tabela abaixo mostra o quantitativo de pessoas efetivamente participantes (incluindo estudantes) no período 2016-2017, quando, ao todo, 159 usuários foram beneficiados com as oficinas. Porém, levando em consideração todas as pessoas que foram contatadas pelo projeto até o momento, através de ligações e de encontros presenciais, esse número sobe consideravelmente para cerca de 500 usuários.

Vale ressaltar a importância dessas constatações uma vez que elas são essenciais para saber quem de fato ainda está à procura de atendimento psicológico ou está acessível no momento, e isso tem levado a uma grande redução na lista de espera do serviço. Algumas razões práticas podem ser dadas para tal fato: muitos clientes informam, por intermédio da ligação, que já não estão interessados em atendimento ou que mudaram de cidade ou até mesmo que já estão em processo psicológico em outro lugar; há também aqueles clientes que se comprometem em ir à reunião de apresentação do projeto e no momento não comparecem, sem justificar tal falta e, dessa forma, essas pessoas deixam de ter prioridade no serviço; há aquelas fichas em que tenta-se entrar em contato com o possível usuário mais de quatro vezes, em dias diferentes, porém sem sucesso e, dessa forma, elas são arquivadas.

Público	Triagens	Oficinas individuais	Oficinas grupais
Estudantes	2	2	6
Profissionais	3	0	3
Crianças	86	2	25
Adolescentes	31	0	8
Adultos	23	1	8
Idosos	13	1	9
Total	161	6	59

Tabela: Público que compareceu às atividades do projeto no período março 2016- fevereiro 2017. Fonte: Relatório do Projeto de Extensão 2016-2017.

As avaliações da efetividade do projeto têm ocorrido, principalmente, nos momentos de entrevistas devolutivas e nas mudanças observadas nos modos de agir, pensar e sentir dos participantes das oficinas. Pode-se dizer que as oficinas de artes são capazes de produzir novos modos de subjetivação a ponto de favorecerem o autoconhecimento, o desenvolvimento de potencialidades e da criatividade dos participantes dos encontros, além de ser um espaço em que os participantes podem compartilhar suas experiências e ter um momento para o cuidado de si.

Até então, tem-se recebido *feedbacks* positivos, tanto por parte dos participantes, como por parte dos pais (no caso de grupos com menores de idade), que perceberam, dentre outras características gerais, que os filhos ficaram mais calmos, mais compreensivos, mais comunicativos, menos agressivos, com melhoras nos relacionamentos interpessoais, nas notas escolares, no sono e diminuição do medo do escuro. No grupo de idosas houve, segundo as mesmas, uma melhora na ansiedade, da quebra do ócio e da solidão, além da resignificação sobre o ser mulher na idade em que estão e dos papéis desempenhados nos contextos sociais dos quais fazem parte. No grupo de adolescentes, os sujeitos relataram diminuição da ansiedade, melhora no sono, aprendizado de técnicas para relaxar e preencher o tempo, reflexões acerca dos planos para o futuro e desenvolvimento de potencialidades. No grupo de adultos, por sua vez, foram relatados benefícios como o desenvolvimento de habilidades sociais, a diminuição da ansiedade, autoconhecimento, conscientização em relação à necessidade de melhor administração do tempo e estabelecimento de foco em projetos pessoais.

Dessa forma, pode-se dizer que as oficinas de artes, conduzidas por estudantes de psicologia sob supervisão, são capazes de produzir novos modos de subjetivação a ponto de favorecer o autoconhecimento e o desenvolvimento de potencialidades e da criatividade dos participantes dos encontros, além de ser um espaço em que os participantes podem compartilhar suas subjetividades e ter um momento para o cuidado de si.

Percebeu-se, na primeira etapa do projeto, em que foram realizadas várias oficinas com crianças, que houve, tanto em grupo quanto em acompanhamento individual, falta de familiaridade da grande maioria dos usuários com os materiais utilizados. Adicionalmente, foi constatada a escassez de momentos lúdicos no cotidiano das crianças, fato recorrentemente exposto pelas mesmas. Isso parece ter dificultado, no início das oficinas, a construção de obras que serviriam para serem expostas no final do projeto, uma vez que os encontros parecem ter sido mais de caráter de experimentação dos materiais do que de produções estéticas. Porém, com o decorrer dos processos, as produções foram se tornando mais consistentes em termos de estética e percebeu-se uma melhora quanto à expressividade e comunicação através das atividades que foram desenvolvidas. Neste sentido, destaca-se a importância de parceria com estudantes, professores e profissionais das Artes Visuais neste projeto, já que sua operacionalização requer, efetivamente, a interdisciplinaridade entre campos de saber.

Em alguns momentos do projeto, houve certos obstáculos no planejamento das atividades devido a uma considerável evasão dos participantes, com destaque maior nos grupos de adolescentes, nos quais muitas faltas foram registradas. Porém, com relação à estética das produções, houve um melhor aproveitamento. Assim, buscaram-se estratégias para diminuir a evasão dos grupos, como a elaboração do contrato por escrito para que as regras administrativas do serviço fossem melhor apreendidas.

No encerramento dos grupos e acompanhamentos individuais, a partir de entrevista devolutiva com os participantes e responsáveis, e das discussões em supervisão, foram realizados os encaminhamentos para atendimento individual ou grupal em outras modalidades de atendimento do serviço. Houve também casos em que se avaliou a necessidade de continuar participando do projeto, devido aos benefícios que estavam sendo proporcionados através do relacionamento interpessoal e do espaço lúdico. Para certos participantes, não foi reconhecida, tanto pelas supervisoras quanto pelos próprios participantes e responsáveis, a necessidade de continuarem o acompanhamento, o que levou a uma desobstrução significativa da lista de espera.

Destaca-se, também, que o projeto de extensão tem proporcionado aos estudantes de Psicologia um considerável desenvolvimento da escuta e da atitude clínica, gerando um amadurecimento que dificilmente poderia ser obtido somente através do ensino teórico, em atividades restritas a salas de aula. Isso se deu, principalmente, através das supervisões, nas quais foram discutidas melhores formas de agir diante das questões que iam aparecendo no decorrer dos encontros, e da escuta por parte das coordenadoras/supervisoras de como essas questões poderiam estar afetando os estudantes facilitadores das oficinas.

As supervisões também serviram como momentos de avaliar quais práticas e oficinas estiveram sendo efetivas e deveriam, então, ser levadas adiante, e quais não trouxeram o retorno esperado, levando-se a mudanças de estratégias, o que favoreceu desenvolvimento técnico das supervisoras que iniciaram suas experiências clínicas com o recurso das Artes. Certamente, a interdisciplinaridade favorecida pelo encontro das profissionais da Psicologia com as das Artes trouxe ganhos consideráveis à experiência profissional das mesmas, no sentido de desenvolver habilidades para lidar com instrumentos artísticos e técnicas psicológicas, respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se a importância e valor agregado às oficinas com a inserção da profissional de Artes Visuais (colaboradora externa) durante o primeiro ano do projeto. Através da sua experiência prévia com materiais artísticos e com oficinas em grupos, tornou-se possível enxergar outras possibilidades de planejamento e execução das oficinas e, conseqüentemente, de facilitar a expressividade e o fazer artístico dos clientes. Tem sido também de enorme valor, no atual período do projeto, a participação de mais quatro estudantes de Psicologia voluntários, que têm contribuído para ampliar a oferta de oficinas e diversificado a equipe.

Os objetivos do projeto têm sido alcançados, e acredita-se que este serviço deva ser ampliado e instituído como algo permanente, principalmente com o apoio de professores do Colegiado de Psicologia que ministram disciplinas com carga horária prática, que podem ter esse espaço como possível campo de atuação do estudante de Psicologia.

Também, torna-se interessante que o trabalho desenvolvido seja fonte de pesquisa, no sentido de uma maior articulação ensino-pesquisa-supervisão, tão proveitosa para uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BILBAO, Giuliana Gnatos Lima; CURY, Vera Engler. **O artista e sua arte: um estudo fenomenológico**. Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, v. 16, n. 33, p. 91-100, 2006.
- BIRMAN, Joel. **Criatividade e sublimação em psicanálise**. Psicologia Clínica, v. 20, n. 1, p. 11-26, 2008.
- CARDOSO, Angela Maria; MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. **Grupo de espera na clínica-escola: intervenção em arteterapia**. Revista da SPAGESP, v. 14, n. 1, p. 43-54, 2013.
- CIORNAL, Selma. (Org.). **Percursos em arteterapia**. Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.
- COSTA, Clarisse Moura; FIGUEIREDO, Ana Cristina. **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Coleções PUB. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2004.
- DUTRA, Elza. **Afinal, o que significa o social nas práticas clínicas fenomenológico-existenciais?** Disponível em < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epp/v8n2/v8n2a08.pdf> >. Acesso em: 02 fev. 2016.
- FIGUEIREDO, Luiz Cláudio M. **Revisitando as psicologias**. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: EDUC / Petrópolis: Vozes, 1995.
- LIMA, Elizabeth Araújo. **Oficinas, laboratórios, ateliês, grupos de atividades: dispositivos para uma clínica atravessada pela criação** (p. 59-81). In COSTA, Clarisse Moura; FIGUEIREDO, Ana Cristina. **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Coleções PUB. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2004.
- LIMA, Maria Cristina Pereira *et al.* **Arte e mediação terapêutica: sobre um dispositivo com adolescentes na clínica-escola**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. 8, n. 3-4, p. 775-796, 2013.
- MACÊDO, Shirley. **Clínica humanista-fenomenológica do trabalho. A construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2005.
- ORNAZZANO, Graciela (Org.). **Questões de arteterapia**. Passo Fundo: UPE, 2004.
- PEREIRA, Eliane Rregina. **A atividade estética potencializando a formação de psicólogos**. Perspectivas em Psicologia, v. 17, n. 1, p. 148-161, jan./jun. 2013.
- SANTOS, Wanderley Moreira. **Oficinas de arte com crianças e adolescentes: modos de subjetivação e cuidado de si**. Paidéia, v. 9, n. 13, p. 89-102, jul./dez. 2012.

SILVA, Silvia Maria Cintra. **Algumas reflexões sobre a arte e a formação do psicólogo.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 24, n.4, p. 100-111, dez. 2004.

SILVA, Silvia Maria Cintra **Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional.** Campinas: Alínea / Uberlândia: EDUFU, 2005.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

MELO, Shirley Macêdo Vieira de; PEREIRA, Melina de Carvalho; LEITE, Ana Soares Teixeira . Entre olhares: psicologia, artes e promoção de novos modos de subjetivação. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 5, n. 1, p. 89-100, 2017. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 30 jun. 2017

Aceito em: 27 nov. 2017